

# PRESENZA AGOSTINIANA



edição digital

março/abril de 2026 - nº 2



## EXERCÍCIOS DE PIEDADE

### **Teologia, Liturgia e Vida religiosa**

Fundamentos da nossa espiritualidade

### **Exercícios de piedade**

Devoção pessoal e comunitária  
do povo de Deus e dos religiosos

*Visita ao Santíssimo Sacramento,  
Terço, Via Sacra, Oração do Angelus,  
Agradecimento pelos benefícios  
diários, 15 Quintas-feiras de Santa  
Rita, Setenário de São Nicolau pelas  
almas do purgatório,  
Benedicta tu, Coroa de N.S. da  
Consolação/Cintura*





## Presença Agostiniana

### Revista bimestral

Ordem dos Agostinianos Descalços  
Anno LIII (53) - nº 2 (vol. 279)  
edição digital  
março/abril de 2026

### Diretor responsável

Calogero Ferlisi (Fr. Gabriele, oad)

### Redação e administração

Cúria geral da Ordem dos Agostinianos  
Descalços  
Piazza Ottavilla, 1 - 00152 - Roma  
e-mail: [curiagen@oadnet.org](mailto:curiagen@oadnet.org)  
pec: [curiagen@pec.it](mailto:curiagen@pec.it)  
Tel.: +39 06 589 6345  
WhatsApp: +39 324 089 3400

### Capa, paginação e publicação

Fr. Diones Rafael Paganotto, oad

### Imagem da capa

Celebração de encerramento das Quinze  
quintas-feiras de Santa Rita,  
na Comunidade de Toledo

### Todos os volumes - online

[oadnet.org/presenza-agostiniana/](http://oadnet.org/presenza-agostiniana/)

### Colaboração e doação

PAYPAL ou CARTÃO (crédito ou débito)



## Sumário

### 04. Teologia e Liturgia

*Celebração do mistério pascal de Cristo*  
Fr. Jhosep Naoki Ochi Sanchez, oad

### 07. Liturgia e Vida religiosa

*Parte integrante da nossa espiritualidade*  
Fr. Primi Russel Mayol, oad

### 10. Exercícios de piedade na Vida religiosa

*Devoção pessoal e comunitária*  
Fr. Diones Rafael Paganotto, oad

### 14. Exercícios de piedade comuns a todo povo cristão

*Interiorizar a graça dos Sacramentos*  
Fr. Etienne Ofon Mendi, oad

### 17. Exercícios de piedade tipicamente agostinianos

*Interiorizar o mistério na Vida religiosa*  
Fr. Calogero Carrubba, oad

### 21. Igreja de Gesù e Maria em Roma

*Um pouco de luz sobre o pintor Cleofe Garofoli*  
Antonio Rossilli

### 25. Algumas fotos

*Partilhando um pouco da nossa vida*

### 33. Mensagem do Prior geral

*Liturgia na vida*  
Fr. Nei Márcio Simon, oad



## Editorial

### Exercícios de piedade entre teologia e liturgia: ao serviço da devoção pessoal e comunitária

Caros leitores,

no caminho da Igreja, a Liturgia e os exercícios de piedade iluminam-se reciprocamente. Se a Liturgia é o cume e a fonte da vida cristã, os exercícios de piedade são o seu prolongamento vital na vida cotidiana dos fiéis e, de modo particular, na vida religiosa dos Agostinianos Descalços.

Neste número de *Presenza Agostiniana*, quisemos deter-nos precisamente sobre essa relação fecunda, tão cara à tradição da nossa Ordem.

A celebração do mistério pascal de Cristo, coração da Liturgia, é uma realidade viva que pede para ser interiorizada, assimilada e vivida. Daqui nasce o valor autêntico dos exercícios de piedade: eles ajudam a enraizar no coração aquilo que a Liturgia celebra sacramentalmente.

Nesta perspectiva, os artigos partem de uma abordagem teológica e litúrgica para chegar à sua expressão na vida religiosa, onde os exercícios de piedade se desenvolveram em uma dimensão pessoal e comuni-

tária, tanto em comunhão com o povo cristão quanto de modo específico em nossa espiritualidade.

Este número deseja ser, portanto, não apenas um aprofundamento teórico, mas também um convite concreto a recuperar espaços de silêncio, de escuta e de interioridade, nos quais a graça celebrada na Liturgia possa tornar-se vida vivida.

Inspirados por Santo Agostinho, sabemos que o coração do ser humano permanece inquieto enquanto não repousa em Deus. Os exercícios de piedade, vividos em harmonia com a Liturgia, tornam-se, então, caminhos simples e profundos para orientar o coração para Aquele que é o nosso único bem.

Boa leitura...



# Teologia e Liturgia

## Celebração do mistério pascal de Cristo

Fr. Jhosep Naoki Ochi Sanchez, oad



Antes de nos perguntarmos o que é a Liturgia, convém partir de uma questão mais fundamental: **por que a Liturgia?**

O *Catecismo da Igreja Católica* indica:

*O mistério da vontade do Pai, que nos deu o seu Filho amado, o Emanuel, e o seu Espírito Santo para a salvação do mundo e para a glória do seu Nome. Este é o mistério de Cristo, revelado e realizado na história segundo um desígnio, que a tradição patristica chamará “Economia da salvação” (CIC 1066).*

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus foi realizada por Cristo Senhor, sobretudo através do mistério pascal da sua paixão, morte, ressurreição e ascensão: precisamente aquilo que a Igreja sempre celebra, o **mistério pascal**.

Se, portanto, Cristo já levou a cumprimento a obra da salvação, por que a Igreja continua a celebrar a Liturgia? Aquilo que Cristo realizou no seu mistério, a Igreja anuncia e celebra na Liturgia, para que os fiéis possam vivê-lo e testemunhá-lo no mundo:

*A Liturgia, mediante a qual, sobretudo no divino sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra da nossa redenção, contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na sua vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja.*

*Esta, com efeito, tem a característica de ser simultaneamente humana e divina, visível e dotada de realidades invisíveis, fervorosa na ação e dedicada à contemplação, presente no mundo e, contudo, peregrina; mas de tal modo que o que nela é humano se ordena e se subordina ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e a realidade presente à cidade futura, para a qual caminhamos (*Sacrosanctum Concilium* 2).*

Eis por que a Liturgia continua a ser celebrada **ainda hoje**: mediante a ação do Espírito Santo e os sinais sacramentais, o mistério pascal torna-se presente e atual na vida dos fiéis.

## 1. Liturgia: significado e terminologia

Neste ponto, podemos perguntar: **o que significa o termo “Liturgia”?** Deriva do grego *leitourgía*, que originalmente indicava uma **obra pública** ou um serviço realizado pelo povo e em favor do povo. No **mundo grego antigo**, designava um serviço prestado à comunidade, por vezes também de natureza civil ou financeira.

Na **tradição cristã**, porém, o termo assume um significado mais profundo: indica a participação do povo de Deus na obra de Deus. Por meio da Liturgia, Cristo, nosso Redentor e Sumo Sacerdote, continua na Igreja e por meio dela a obra da redenção (CIC 1069).

No **Novo Testamento**, esta terminologia é utilizada não apenas para o culto divino, mas também para o anúncio do Evangelho e para a caridade vivida concretamente. Em todos esses âmbitos, trata-se sempre de um serviço a Deus e aos homens.

Na celebração litúrgica, a **Igreja** manifesta-se como serva, à imagem do seu Senhor, o único verdadeiro “Liturgo”. Desse modo, se reconhece que esta participação está ligada ao tríplice *múnus* cristológico (CIC 1070): sacerdotal (culto), profético (anúncio) e régio (caridade). Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, também Ele enviou os seus

Apóstolos, cheios do Espírito Santo. Eles não se limitaram a anunciar o Evangelho, mas tornaram presente a obra da salvação mediante o sacrifício e os sacramentos, em torno dos quais se desenvolve toda a vida litúrgica (*Sacrosanctum Concilium* 6).

## 2. Fundamento: Cristo, cabeça e sacerdote

Como vimos, o único verdadeiro “Liturgo” é Cristo. Sem Ele não haveria nem salvação nem ação litúrgica, pois a Liturgia é a atualização da obra redentora no tempo.

Cristo continua a realizar esta obra ainda hoje, de modo particular nas ações litúrgicas.

*Com razão, portanto, a Liturgia é considerada como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo. Nela, a santificação do homem é significada por meio de sinais sensíveis e realizada de modo próprio a cada um deles; nela, o culto público integral é exercido pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, pela Cabeça e pelos seus membros. Por isso, toda celebração litúrgica, enquanto obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo, que é a Igreja, é ação sagrada por excelência, e nenhuma outra ação da Igreja a iguala em eficácia com o mesmo título e no mesmo grau (Sacrosanctum Concilium 7).*



### 3. Mistério pascal: coração do tempo e do rito

A vida litúrgica gravita em torno do sacrifício eucarístico e dos sacramentos, isto é, do **mistério pascal**. Também as nossas *Constituições* afirmam que o centro de todo o culto litúrgico é a Eucaristia (Const. 13).

A imagem da “gravidade” exprime bem esta realidade: o mistério pascal é o núcleo central, o coração do tempo litúrgico e da ação ritual, que tudo atrai a si.

*Tendo chegado a sua Hora, Ele vive o único acontecimento da história que não passa: Jesus morre, é sepultado, ressuscita dentre os mortos e está sentado à direita do Pai uma vez por todas (Rm 6,10; Hb 7,27; 9,12). É um evento real, ocorrido na nossa história, mas é único: todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez, depois passam, absorvidos pelo passado.*

*O mistério pascal de Cristo, porém, não pode permanecer apenas no passado, pois, com a sua morte, Ele destruiu a morte, e tudo aquilo que Cristo é, tudo o que realizou e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina e, por isso, abrange todos os tempos e neles se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição permanece e tudo atrai para a vida (CIC 1085).*

Sem este centro, o tempo, os ritos e a fé perderiam o seu significado. Como afirma o Apóstolo Paulo: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã também a vossa fé” (1Cor 15,14). No mistério pascal está contido todo o bem espiritual da Igreja: o **próprio Cristo** (*Presbyterorum Ordinis* 5).

### 4. Ato litúrgico: ação pública da Igreja

O nosso **Ritual**, promulgado definitivamente em 2023, define a Liturgia como *a ação pública, solene e qualificada de culto, cujo sujeito celebrante é Cristo e a Igreja, e cujo objeto celebrado é o Mistério Pascal de Cristo e a vida da Igreja* (Rit. 2).

O **Catecismo da Igreja Católica**, retomando Santo Agostinho e São Tomás de Aquino,

ensina que os sacramentos são “da Igreja” em duplo sentido: são “da Igreja”, porque ela é o sinal eficaz da ação de Cristo operante no Espírito Santo; e são “para a Igreja”, porque comunicam aos homens, sobretudo na Eucaristia, o mistério da comunhão do Deus Amor, uno e trino (CIC 1118).

A ação litúrgica é, portanto, o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde ela brota. Na Eucaristia realiza-se de modo eminente o ideal agostiniano do *Totus Christus*, Cristo total, Cabeça e membros (Const. 14).

Contudo, a Liturgia não esgota toda a vida eclesial. Por isso, será necessário aprofundar também o significado e o valor dos exercícios de piedade, que acompanham e sustentam a vida espiritual cotidiana.

### Conclusão

A Liturgia revela-se, à luz do que foi exposto, como o lugar vivo no qual o mistério de Cristo continua a estar presente e operante na história. Não se trata de uma simples recordação, mas de uma **participação real** na obra da salvação realizada uma vez por todas no mistério pascal.

Na Liturgia, por meio de sinais sensíveis e ações rituais, o próprio Cristo age na sua Igreja, santificando os homens e tornando-os participantes da vida divina. Assim, a comunidade dos fiéis é continuamente edificada, chamada a viver aquilo que celebra e a testemunhar no mundo o mistério recebido.

Precisamente porque a Liturgia é o centro e a fonte da vida eclesial, ela ilumina e sustenta também todas as demais expressões da **vida espiritual**. Os exercícios de piedade, que serão aprofundados posteriormente, encontram nela o seu fundamento e a sua orientação, ajudando os religiosos a prolongar na vida cotidiana aquilo que celebram no rito.



# Liturgia e Vida religiosa

Parte integrante da nossa espiritualidade

Fr. Primi Russel Mayol, oad



A Liturgia é “o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo” (*Sacrosanctum Concilium* 7), ordenada à santificação dos fiéis. De modo particular, ela sustenta a vida dos consagrados, que oferecem plenamente a própria existência pela Igreja, Corpo de Cristo, do qual Ele é a Cabeça.

O **caminho cotidiano de comunhão** com Cristo, no seu Corpo místico, representa um verdadeiro desafio para quem abraça a vida religiosa. Esta união se alimenta sobretudo na Liturgia, pois “na Eucaristia e em todos os sacramentos nos é garantida a possibilidade de encontrar o Senhor Jesus e de sermos alcançados pela força da sua Páscoa” (*Desiderio Desideravi* 11).

A Liturgia torna-se, assim, essencial na **vida religiosa**, como um verdadeiro respiro cotidiano, no qual Cristo é continuamente colocado no centro. Ela orienta o peregrinar interior do consagrado e sustenta a sua vocação e missão. Neste vínculo profundo com o Mestre interior nasce uma sabedoria espiritual: a vida religiosa é chamada a conformar-se ao mistério pascal, isto é, à paixão,

morte e ressurreição de Cristo, na esperança da plena comunhão em **Deus Trinitas**, meta do caminho.

## 1. Liturgia na formação

No caminho de consagração na vida religiosa, emerge a necessidade de “*aperfeiçoar a arte da harmonia interior*”, para amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. No início da formação, é fundamental educar o coração por meio da oração, que é “*a alma do apostolado*” (*Vita Consecrata* 67).

A Liturgia deve ser acolhida como **fonte da vida espiritual**, lugar privilegiado da ação do Espírito Santo, amor divino (*agápē*), que forma interiormente o consagrado. O Concílio Vaticano II sublinha: “*Os clérigos recebam uma formação espiritual de caráter litúrgico [...] capaz de penetrar o sentido dos ritos sagrados e de neles participar com toda a alma*” (*Sacrosanctum Concilium* 17).

A comunidade é o lugar concreto desta formação, um verdadeiro centro de crescimen-

to. Nela, por meio da **Palavra de Deus**, educa-se o coração, para que amadureça não apenas para o bem da própria comunidade, mas também para a missão em favor dos outros.

## 2. Liturgia na vida comum

A comunhão com Cristo, vivida na Liturgia, encontra o seu cume na Eucaristia, *“coração da vida da Igreja”* (*Vita Consecrata* 95), e prolonga-se na **Liturgia das Horas**, que santifica o tempo cotidiano.

Na vida religiosa há um constante desejo de unir a própria oração à de Cristo, para acolher a vontade do Pai e viver fielmente os votos professados. A Liturgia sustenta esta **dinâmica comunitária**, pois torna presente o mistério pascal e orienta toda a vida para Deus.

Por meio da celebração, todos os fiéis batizados, e de modo especial os religiosos, se harmonizam no louvor e no serviço cotidiano. Os religiosos são chamados a viver com zelo tanto a interioridade da oração quanto a dignidade das celebrações, para que a Liturgia seja verdadeiramente expressão da fé da Igreja.

## 3. Liturgia na vida pastoral

A vida religiosa é, por sua natureza, missionária: *“é uma missão, como toda a vida de*

*Cristo”* (*Vita Consecrata* 72). Os religiosos participam desta missão também por meio da celebração dos sacramentos, tornando Cristo presente no mundo.

Quando o consagrado se deixa plasmar pelo Espírito Santo, amor divino, Cristo torna-se visível na sua vida e na sua ação pastoral. Os sacramentos são sinais eficazes da graça, mediante os quais Deus continua a realizar a salvação.

Como afirma o Concílio: *“da Liturgia, e particularmente da Eucaristia, deriva em nós, como de uma fonte, a graça”* (*Sacrosanctum Concilium* 10). Por isso, a Liturgia é a fonte da qual brota a força para a vida apostólica e pastoral.

## 4. Liturgia à luz de Santo Agostinho

Santo Agostinho afirma que Jesus Cristo está *“presente na Liturgia, sobretudo nos sacramentos da Igreja, pela sua grande força”* (Serm. 6,7). Ele é *“o Verbo que se fez carne”* (Jo 1,14), *“a palavra que purifica [...] se à matéria se une a palavra, forma-se o sacramento, que é, por sua vez, como uma palavra visível”* (Serm. 80,3).

Para Santo Agostinho, mediante o dom da graça do Espírito Santo, *“tornamo-nos Cristo, se Cristo é a Cabeça e nós somos os*



*membros” (Serm. 21,8). No sacramento, nós “nos tornamos um só pão, isto é, Corpo de Cristo, sendo amassados pela água do batismo e, depois, pelo fogo do Espírito Santo, que purifica o nosso coração como o ouro” (Serm. 227)*

Jesus, como Sumo Sacerdote, reza pela unidade: *“para que todos sejam um” (Jo 17,21). À luz disso, Agostinho aprofunda que “na paixão ofereceu também a si mesmo por nós na condição de servo, para que fôssemos o corpo de tão grande Cabeça” (De civ. Dei X,6).*

A Liturgia, à luz desta compreensão, purifica e transforma o coração do homem, para que esteja sempre unido a Cristo, como seu modelo no peregrinar interior rumo ao encontro com **Deus Trinitas**.

O homem é chamado a oferecer a própria vida como sacrifício vivo e agradável a Deus, orientando continuamente o seu coração para uma conversão autêntica.

Neste caminho, é convidado a renovar interiormente as próprias escolhas, percorrendo a via da caridade, que ilumina e sustenta também os outros. Assim, passo a passo, retorna à unidade em Jesus Cristo, fonte da vida e cumprimento da nossa salvação.

## 4. Liturgia nos estudos

Aprofundar o dom da fé que recebemos, particularmente *“aprender a adorar a Deus Pai em espírito e verdade, sobretudo por meio da ação litúrgica” (Gravissimum Educationis 2)*, é uma exigência essencial para todo religioso. Os estudos sustentam este aprofundamento, permitindo conhecer mais profundamente Jesus Cristo por meio *“do estudo da Sagrada Escritura e das realidades divinas” (Const. 6).*

Os religiosos devem ser educados *“para adquirir a atitude interior que permite colocar e compreender os símbolos litúrgicos” (Desiderio Desideravi 47).*

O desafio consiste em relacionar sempre a Liturgia com as demais disciplinas, a fim de aprofundar o mistério de Cristo e a história da salvação na sua unidade.

Uma **sólida formação** nos estudos litúrgicos prepara os religiosos para viver bem a vida

comunitária e para responder às exigências da missão pastoral.

## Conclusão

A Liturgia manifesta-se, na vida religiosa, como o centro vital do qual tudo nasce e para o qual tudo converge. Ela não é apenas um conjunto de ritos, mas o lugar no qual Cristo continua a agir, santificando os seus fiéis e configurando os consagrados ao seu mistério pascal.

Na celebração cotidiana, na vida comum e no empenho pastoral, o religioso encontra na Liturgia a fonte da sua identidade e a força para viver a própria vocação com fidelidade, mantendo o olhar fixo em Cristo, princípio e fim de todo caminho.

Nesta perspectiva, toda a vida religiosa adquire unidade: formação, oração, missão e estudo se harmonizam como expressões de uma única realidade, vivida à luz do mistério celebrado.

A Liturgia educa o coração, plasma a comunidade e orienta a ação apostólica, conduzindo progressivamente à plena comunhão com Deus.

É precisamente desta experiência viva que nascem e encontram sentido também os **exercícios de piedade** que, sem substituir a Liturgia, a prolongam na vida cotidiana, ajudando o religioso a viver cada momento como resposta concreta ao amor recebido.



# Exercícios de piedade na Vida religiosa

## Devoção pessoal e comunitária

Fr. Diones Rafael Paganotto, oad

Os exercícios de piedade constituem um enriquecimento da Liturgia no interior da Ordem dos Agostinianos Descalços. Com efeito, se a Liturgia é “*a fonte e o cume de toda a vida cristã*” (*Sacrosanctum Concilium* 10), os exercícios de piedade representam uma resposta pessoal e comunitária que dela brota e a ela conduz. Nesse sentido, ajudam a interiorizar aquilo que a Liturgia celebra e torna presente.

## 1. Diretório sobre a Piedade popular e a Liturgia

O *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia: Princípios e Orientações*, publicado em 2002 pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, é um documento de grande importância pastoral e teológica. Ele nasce com a finalidade de oferecer critérios seguros para compreender, valorizar e orientar as múltiplas expressões da piedade do povo cristão, colocando-as em relação harmônica com a Liturgia.

O *Diretório* não se limita a descrever fenômenos religiosos, mas propõe princípios

normativos para que tais práticas sejam autenticamente cristãs, evitando desvios e favorecendo um crescimento na fé.

**Terminologia** (nº 6): ao longo dos séculos, ao lado da Liturgia oficial, desenvolveram-se numerosas formas espontâneas de expressão da fé. Essas práticas, muito variadas, nascem do coração do povo cristão e manifestam amor a Deus, devoção aos santos e desejo de conversão. Contudo, precisamente por sua variedade, carecem de uma terminologia unívoca; por isso, o *Diretório* esclarece o significado dos principais termos.

**Exercício de piedade** (nº 7): indica aquelas práticas de oração, tanto públicas quanto privadas, que não fazem parte da Liturgia, mas estão em harmonia com ela. Devem respeitar o seu espírito, inspirar-se nos mistérios celebrados e conduzir a ela. Os exercícios de piedade possuem sempre um fundamento eclesial e uma referência à revelação divina, e são realizados segundo normas aprovadas pela Igreja.

**Devoções** (nº 8): são práticas exteriores que exprimem uma relação pessoal e afetiva do

fiel com Deus, com a Virgem Maria ou com os santos. Podem incluir orações, cantos, peregrinações, sinais e gestos simbólicos. São autênticas quando nascem de uma fé interior e ajudam o fiel a viver mais intensamente o mistério cristão.

**Piedade popular** (nº 9): compreende o conjunto das manifestações religiosas do povo que, embora cristãs, se exprimem em formas diversas das litúrgicas oficiais. É considerada um verdadeiro tesouro da Igreja, pois revela uma fé simples e profunda, capaz de sacrifício, confiança em Deus e amor concreto. Além disso, favorece atitudes interiores como a paciência, o sentido da cruz e a solidariedade.

**Religiosidade popular** (nº 10): é uma realidade ainda mais ampla, presente em toda cultura e povo. Expressa o sentido religioso universal do homem, mesmo fora da revelação cristã. Contudo, quando se desenvolve em contexto cristão, pode dar origem a formas de “catolicismo popular”, nas quais elementos culturais e fé cristã se entrelaçam de modo mais ou menos harmonioso.

**Primazia da Liturgia** (nº 11): o *Diretório* afirma com clareza que a Liturgia é a ação sagrada por excelência da Igreja, superior a qualquer outra forma de oração. Ainda que, em certos períodos históricos, as práticas populares tenham sido amplamente difundidas, não podem substituir a Liturgia. Os sacramentos são necessários para a vida cristã, enquanto os exercícios de piedade são facultativos. Por isso, é fundamental educar os fiéis a reconhecer a primazia da Liturgia e não contrapô-la à piedade popular.

**Distinção e harmonia** (nº 13): é necessário manter uma clara distinção entre Liturgia e práticas de piedade, evitando confusão ou sobreposição. Os exercícios de piedade devem conservar o seu estilo simples e popular. Ao mesmo tempo, não devem entrar em concorrência com a Liturgia, mas orientá-la e conduzir a ela. O equilíbrio entre distinção e harmonia é essencial para uma vida cristã autêntica e bem ordenada.

## 2. Liturgia, Ritual e Rito

Na linguagem litúrgica, o **Rito** é o conjunto de gestos, palavras e sinais sensíveis por

meio dos quais se exprime e se realiza o mistério da salvação. Não se trata de uma simples forma exterior, mas de uma realidade que torna presente a ação de Cristo na Igreja.

Como afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, Deus “*fala ao homem através da criação visível*” (CIC 1145), e é precisamente mediante os sinais rituais que o ser humano entra em comunhão com Deus. Nesse sentido, o rito é expressão visível do mistério invisível, memorial vivo da obra salvífica, segundo o mandato do Senhor: “*Fazei isto em memória de mim*” (Lc 22,19).

O **Ritual**, por sua vez, é o livro litúrgico que reúne e ordena os ritos segundo as normas estabelecidas pela autoridade eclesiástica, garantindo unidade, fidelidade e ortodoxia da celebração, guardando o depósito da fé e regulando a expressão cultual da Igreja. Daí o princípio teológico fundamental: *lex orandi, lex credendi*, isto é, a oração da Igreja exprime e salvaguarda a sua fé (CIC 1124).

Os exercícios de piedade seguem um rito próprio e são inseridos no nosso *Ritual* para que todos os religiosos possam celebrá-los e vivê-los em comunhão com toda a Ordem e com a Igreja.

## 3. Ritual: história, função e uso

O *Ritual da Ordem dos Agostinianos Descalços* insere-se na tradição viva da Igreja, declinando os seus princípios segundo o carisma agostiniano descalço. Não é um simples manual prático, mas um **instrumento de formação espiritual e comunitária**, destinado a custodiar e transmitir as formas próprias de oração e devoção da Ordem.

Ele é fruto de um longo caminho à luz da nossa espiritualidade e carisma. A primeira redação, elaborada por uma comissão de estudo, foi publicada *ad experimentum* em **1999**, com o objetivo de recolher, ordenar e propor as práticas litúrgicas e devocionais próprias da Ordem.

Posteriormente, uma nova comissão aprofundou e atualizou o texto, chegando à publicação definitiva em **2023**. Esse proces-

so testemunha um discernimento atento, fiel à tradição e sensível às exigências da vida religiosa agostiniana descalça.

Desde o início, o *Ritual* acolheu os exercícios de piedade amadurecidos ao longo da história da Ordem e da família agostiniana, configurando-se, assim, como síntese viva da sua memória espiritual. A sua função, sob este aspecto, é dupla: regular os atos culturais segundo as normas litúrgicas e orientar os religiosos para uma vida espiritual e litúrgica mais profunda.

O uso do *Ritual* exige fidelidade e discernimento: compete ao Prior e a toda a comunidade determinar as modalidades, os tempos e os lugares dos exercícios de piedade, tanto como atos comunitários quanto individuais.

### 3. Liturgia e exercícios de piedade

Alguns exercícios de piedade fazem também parte da devoção pessoal de todos os membros da Igreja e inserem-se na vida eclesial como expressões da piedade popular que, embora não pertençam à Liturgia em sentido estrito, estão a ela intimamente ligadas.

Em outras palavras, os exercícios de piedade são formas celebrativas que têm origem na

Liturgia, a acompanham e prolongam os seus frutos na vida cotidiana.

Como afirma o *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia*, os exercícios de piedade são “manifestações públicas ou privadas da piedade cristã que, embora não pertençam à Liturgia, estão em harmonia com ela” (n. 9), e devem ser ordenados de modo a “inspirar-se na Liturgia e a ela conduzir” (n. 13). Nesse sentido, participam, de modo próprio, da vida litúrgica da Igreja, ajudando os fiéis a **interiorizar o mistério celebrado**.

O nosso *Ritual* indica **nove exercícios de piedade**, divididos em dois grupos:

**Primeiro grupo**, comum a todo o povo cristão: 1. *Visita ao Santíssimo Sacramento*, 2. *Terço*, 3. *Via sacra* e 4. *Oração do Angelus*;

**Segundo grupo**, próprio e típico dos agostinianos: 5. *Agradecimento pelos benefícios diários*, 6. *Quinze quintas-feiras de Santa Rita*, 7. *Setenário de São Nicolau pelas almas do purgatório*, 8. *Benedicta Tu* e 9. *Coroa de Nossa Senhora da Cintura (ou da Consolação)*.

Essas práticas constituem um patrimônio espiritual que une a celebração litúrgica à vida concreta dos religiosos e dos fiéis que participam da nossa espiritualidade e carisma.



## 4. Devoção pessoal: dimensão subjetiva dos exercícios de piedade

A devoção pessoal é um elemento essencial da vida espiritual, pois permite **interiorizar a graça recebida nos sacramentos**. Nesse sentido, os exercícios de piedade situam-se abaixo dos sacramentos e dos sacramentais, mas em estreita relação com eles, como resposta livre e pessoal à ação da graça.

Eles exprimem uma dimensão profundamente subjetiva, feita de intenção, atenção interior e afeto do coração. Por meio de práticas como a visita ao Santíssimo Sacramento, o Terço ou a *Via sacra*, o fiel entra em um diálogo íntimo com Deus, vivendo uma relação pessoal que nasce da graça e se desenvolve na liberdade do Espírito.

Santo Agostinho ilumina essa dinâmica interior ao afirmar: *“Deus é mais íntimo a mim do que eu mesmo”* (Confes. III,6,11) e ainda: *“Volta para dentro de ti; no homem interior habita a verdade”* (De vera relig. 39,72).

Os exercícios de piedade favorecem precisamente esse retorno à interioridade, onde o homem encontra Deus. Tais práticas nada acrescentam à graça sacramental, mas facilitam a sua **acolhida e maturação**, educando para a oração, a contemplação e a continuidade da relação com Deus na vida cotidiana. Ainda que pessoais, não são atos isolados, mas permanecem inseridos na vida da Igreja, como participação, ainda que distinta, no mistério eclesial.

## 5. Devoção comunitária: a vida religiosa agostiniana descalça

A nossa vida religiosa valoriza de modo particular a dimensão comunitária dos exercícios de piedade, que não se limitam à esfera individual, mas se tornam **momentos compartilhados** capazes de fortalecer a comunhão fraterna e tornar visível a unidade da comunidade.

No carisma agostiniano, a vida comum é elemento essencial. A expressão da *Regra*,

*“tende uma só alma e um só coração voltados para Deus”* (Reg. I,3), encontra nos exercícios de piedade comunitários uma realização concreta. A oração comum, as devoções partilhadas e os atos de piedade vividos em conjunto edificam a comunidade na caridade e manifestam a unidade do corpo eclesial.

Essa dimensão é iluminada também pela palavra do Senhor: *“Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”* (Mt 18,20). O *Ritual* reconhece, assim, que nos exercícios de piedade celebrados em comum se realiza uma presença viva de Cristo, que sustenta e fortalece o caminho comunitário de fé.

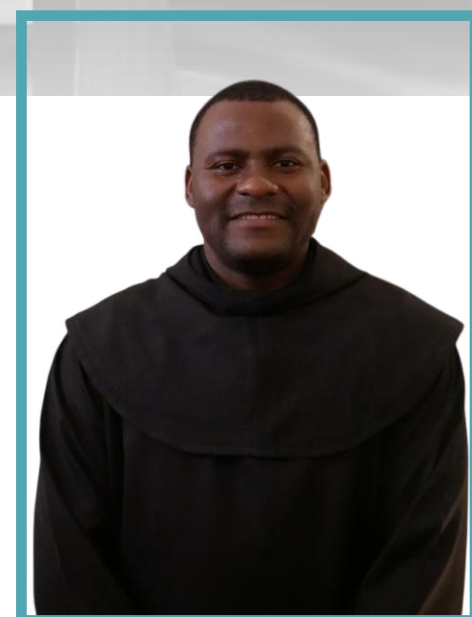
## Conclusão

Em conclusão, a passagem da Liturgia aos exercícios de piedade não representa um afastamento, mas uma expansão. Da celebração oficial da Igreja passa-se à vida concreta dos fiéis, onde o mistério celebrado é interiorizado e vivido.

Essa dinâmica prepara e orienta os aprofundamentos seguintes, nos quais se verá como os exercícios de piedade se inserem na vida do povo cristão e no carisma específico da Ordem.



# Exercícios de piedade comuns a todo povo cristão



## Interiorizar a graça dos Sacramentos

Fr. Etienne Ofon Mendi, oad

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia recomenda os exercícios de piedade ao povo cristão, afirmando que devem ser “ordenados de modo que estejam em harmonia com a sagrada Liturgia, dela de algum modo se inspirem e a ela conduzam o povo cristão” (*Sacrosanctum Concilium* 13).

Também nós, Agostinianos Descalços, no mesmo espírito, praticamos os exercícios de piedade como ações de devoção cujo sujeito são as pessoas individualmente e cujo objeto são formas de oração nascidas da livre iniciativa dos fiéis (Rit. 3).

Os exercícios de piedade que partilhamos com todo o povo cristão são:

- [Visita ao Santíssimo Sacramento](#)
- [Terço](#)
- [Via Sacra](#)
- [Oração do \*Angelus\*](#)

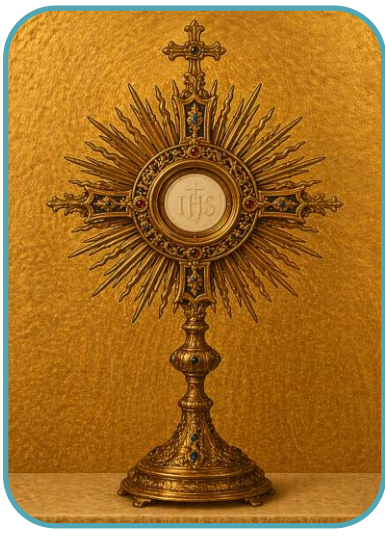
Neste artigo, detemo-nos sobre o significado dessas práticas, procurando compreendê-las à luz da **graça** que recebemos nos

sacramentos, para que possam ser vividas não como simples devoções, mas como caminhos de autêntica vida espiritual.

De fato, o *Catecismo da Igreja Católica* afirma que a graça é “uma participação na vida de Deus” (CIC 1997). Podemos, portanto, dizer que a graça é o **dom** que Deus oferece ao ser humano para torná-lo participante da sua própria vida, sobretudo por meio dos sacramentos, que são definidos como “*sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dispensada a vida divina*” (CIC 1131).

Na celebração dos **sete Sacramentos** (Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio), encontramos realmente Cristo e recebemos a graça que eles significam e comunicam. Os exercícios de piedade encontram precisamente aqui o seu fundamento: eles ajudam a custodiar e prolongar na vida cotidiana a **graça recebida nos sacramentos**.

## 1. Visita ao Santíssimo Sacramento



O nosso *Diretório* recomenda “a visita diária ao Santíssimo Sacramento e, se possível, uma hora mensal de adoração” (Dir. 8). Nas comunidades paroquiais, celebra-se a adoração eucarística juntamente com o povo cristão, enquanto nas casas de formação ela é vivida com maior frequência.

O *Ritual* sublinha que os fiéis, ao venerarem Cristo presente na Eucaristia, devem recordar que esta presença “*deriva do sacrifício e tende à Comunhão*” e que a piedade eucarística “*os atrai a participar mais profundamente do mistério pascal*” (Rit. 17).

Na permanência diante do Senhor, os religiosos e os fiéis leigos abrem o seu coração e rezam pela paz e pela salvação do mundo, recebendo um aumento de fé, esperança e caridade.

Um dos motivos principais da adoração é precisamente a presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento: no silêncio da oração contemplamos o Senhor que permanece no meio de nós. A adoração fortalece o espírito de unidade e ajuda a viver a graça dos sacramentos em comunhão com a Igreja.

## 2. Terço



O Terço é uma oração fundamental para todo o povo cristão. Na nossa Ordem, a devoção mariana é tão significativa que recebemos o terço no início do noviciado, inserido no hábito religioso e trazendo-o à cintura como sinal da nossa consagração.

O *Ritual* afirma que a oração completa do Rosário é “*compêndio de todo o Evangelho*”, pois dele toma os mistérios e as principais fórmulas e, na sucessão das Ave-Marias, propõe “*o mistério fundamental da Encarnação do Verbo*” (Rit. 67). Esta oração não é apenas repetição, mas contemplação do mistério de Cristo com os olhos de Maria.

O Papa Leão XIII, na Encíclica *Supremi Apostolatus Officio*, afirma que a oração do Terço alcança “*o valor e a alegria de ver o Filho de Maria aplacado e movido à compaixão pelas nossas misérias*” e que a Mãe de Deus, invocada por esta oração, “*vem em auxílio do povo cristão*” (§1-2).

Nós, Agostinianos Descalços, juntamente com o povo cristão, somos chamados a rezar diariamente o Terço, pois ele alimenta a memória bíblica e, por meio da intercessão da Virgem Maria, ajuda-nos a viver em comunhão com Cristo.

O Papa São João Paulo II define o Terço como “*um itinerário de anúncio e de aprofundamento, no qual o mistério de Cristo é continuamente reapresentado nos diversos níveis da experiência cristã*” (*Rosarium Virginis Mariae* 17).

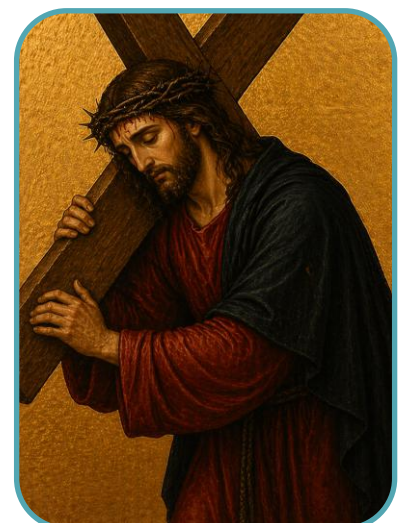
O Rosário completo estrutura-se em quatro séries de mistérios (Terço) que acompanham o fiel na contemplação de toda a vida de Cristo: os mistérios gozosos, que recordam a Encarnação e a infância de Jesus; os mistérios dolorosos, que meditam a sua paixão e morte; os mistérios gloriosos, que celebram a ressurreição e a glória do Senhor; e os mistérios luminosos, posteriormente introduzidos, que iluminam a vida pública de Cristo, desde o Batismo no Jordão até a instituição da Eucaristia.

Rezado com fé, o Terço alimenta a memória bíblica, fortalece a comunhão com Cristo e sustenta o caminho espiritual do povo cristão.

## 3. Via sacra

A *Via sacra* é uma das práticas penitenciais mais significativas, especialmente no tempo da Quaresma. O *Ritual* a define como “*celebração de dor e de amor*”, na qual a Igreja comemora a paixão e morte do Redentor (Rit. 143).

Ela nasce da tradição dos peregrinos que percorriam os lugares santos de Jerusalém, refazendo o caminho de Jesus rumo ao Calvário. Ao longo dos séculos, desenvolveu-se até a forma atual das 14 estações



(Rit. 143-144), tornando-se uma das devoções mais difundidas entre os fiéis.

O *Ritual* recorda que à *Via sacra* está também anexada a indulgência plenária nas condições habituais (Rit. 146).

Percorrendo as estações, o fiel medita a paixão do Senhor e aprende a reconhecer na cruz o caminho da salvação. Esta prática ajuda-nos a viver em comunhão com Cristo sofredor e a compreender que o caminho da cruz é também o caminho da vida, pois conduz à ressurreição.

## 4. Oração do *Angelus*



A Igreja recomenda vivamente conservar o costume de recitar o *Angelus Domini* em honra da Mãe do Senhor. O *Ritual* sublinha que esta oração, “pela sua estrutura simples, pelo seu caráter bíblico e pelo seu ritmo quase litúrgico”, conserva ao longo do tempo “*intacto o seu valor e a sua frescura*” (Rit. 48).

O *Angelus* é rezado nos momentos principais do dia — manhã, meio-dia e tarde — como convite a uma pausa de oração que santifica o tempo.

O Papa São Paulo VI afirma que a natureza imutável do *Angelus Domini* conserva “o valor da contemplação do mistério da Encarnação do Verbo, da saudação à Virgem e do recurso à sua misericordiosa intercessão” (*Marialis Cultus* 41).

Na tradição da Ordem, já as primeiras *Constituições* previam a recitação do *Angelus* no início do dia, como gesto de adoração do profundo mistério da Encarnação (cf. Rit. 49).

Por meio desta oração, a comunidade une-se à Virgem Maria no seu *fiat*, acolhendo a vontade de Deus. O *Ritual* recorda ainda que ela ajuda a viver “na escuta contemplativa da Palavra de Deus e em um *perene fiat* à vontade do Pai” (Rit. 49).

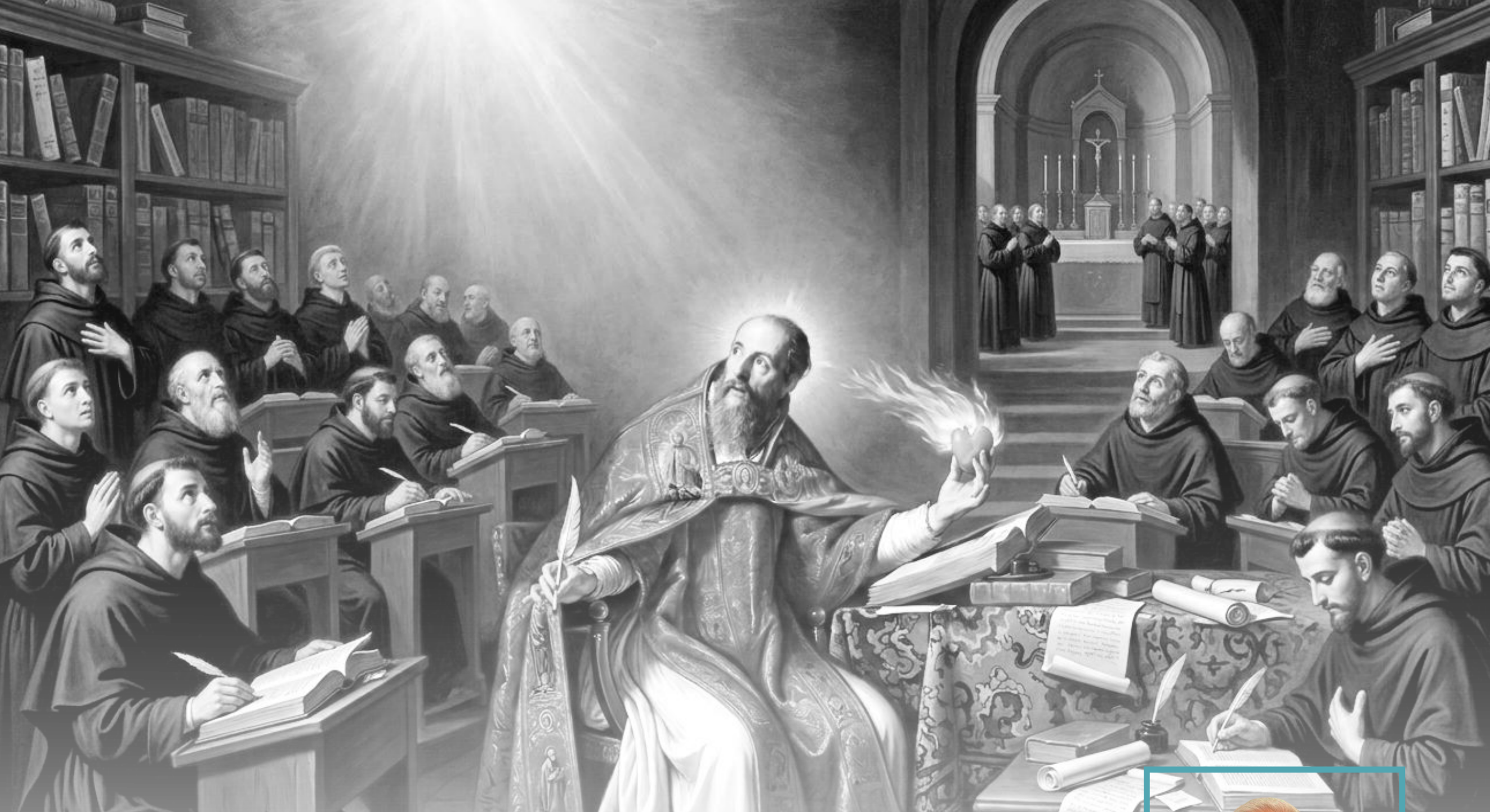
## Conclusão

Os exercícios de piedade que praticamos juntamente com o povo cristão não são sim-

ples práticas devocionais, mas caminhos privilegiados para custodiar e aprofundar a graça recebida nos sacramentos.

Por meio da adoração eucarística, do Terço, da *Via sacra* e do *Angelus*, aprendemos a contemplar o mistério de Cristo, a reconhecer a sua presença na vida cotidiana e a caminhar juntos na comunhão eclesial.

Essas práticas, vividas com fidelidade e coração aberto, tornam-se instrumentos de unidade, de crescimento espiritual e de testemunho evangélico. Nelas encontramos a força para viver a nossa vocação e para acompanhar o povo cristão no seu caminho rumo à santidade.



# Exercícios de piedade tipicamente agostinianos



Interiorizar o mistério na Vida religiosa

Fr. Calogero Carrubba, oad

As nossas *Constituições* afirmam que os religiosos são chamados à santidade, a exemplo de Santo Agostinho e da primeira comunidade de Tagaste. Por este motivo, esforçam-se, com o auxílio da graça divina, por alcançar a perfeição da caridade evangélica, buscando a Deus e vivendo a comunhão fraterna na alegria, em uma peculiar atitude de humildade, pois Deus é um bem comum e não particular (Const. 3).

Além das práticas litúrgicas prescritas pela Igreja, os Agostinianos Descalços, ao longo dos séculos, cultivaram **outras orações e devoções** que os ajudam a viver mais intimamente o mistério cristão, interiorizando-o em suas atividades apostólicas.

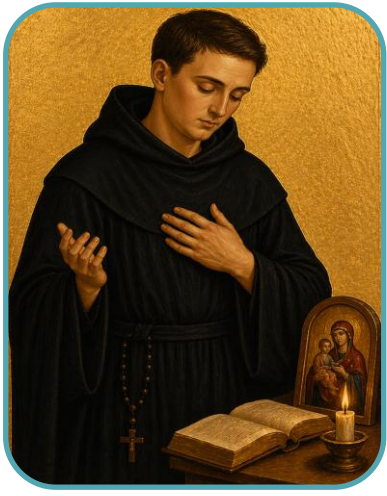
A esse respeito, as *Constituições* declaram que a atividade que brota da íntima união com Deus é parte integrante da vida religiosa (Const. 53). Portanto, a ação dos religiosos deve inspirar-se nas obras de Cristo e dos Apóstolos e ser sustentada pelo diálogo com Deus na vida espiritual e pela colaboração fraterna na comunidade (Const. 54).

Nessa constante atitude de união com Deus, os religiosos são chamados a interiorizar o **mistério salvífico de Cristo na vida religiosa**, especialmente o **carisma** agostiniano descalço, e a fazer crescer a devoção pessoal, ajudando o religioso a unificar o próprio coração em Deus, segundo o ensinamento de Santo Agostinho.

Entre estes exercícios de piedade típicos da nossa espiritualidade agostiniana descalça, também em parte compartilhados com o povo cristão, encontram-se:

- [Agradecimento pelos benefícios diários](#)
- [Quinze Quintas-feiras de Santa Rita](#)
- [Setenário de São Nicolau pelas almas do purgatório](#)
- [Benedicta tu](#)
- [Coroa de Nossa Senhora da Cintura \(ou da Consolação\)](#)

## 1. Agradecimento pelos benefícios diários



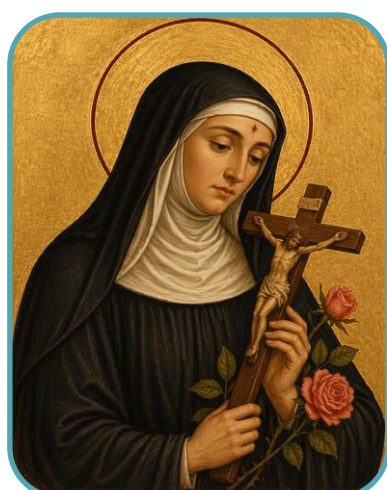
Segundo o *Ritual*, “ao término da oração do meio da manhã, antes do almoço, agradece-se ao Senhor pelos benefícios recebidos ao longo do dia transcorrido”; esta prática “favorece o espírito de ação de graças e de louvor, promovendo a humildade e a gratidão ao Senhor pelos dons da Providência” (Rit. 56).

Os Agostinianos Descalços, vivendo em uma atitude de constante união com Deus, todos os dias, após a recitação da Hora Sexta, ao meio-dia, agradecem ao Senhor por todos os benefícios espirituais e materiais recebidos, sabendo que tudo aquilo que possuem não é mérito próprio, mas exclusivamente fruto da sua bondade.

Agradecem-lhe por todo o bem realizado, pelas obras de evangelização levadas adiante mediante a semeadura da Palavra de Deus no coração dos fiéis. Juntamente com a ação de graças pelos benefícios recebidos, os religiosos pedem perdão ao Senhor pelas inevitáveis faltas, devidas à fragilidade humana, cometidas durante o dia para com Deus e os irmãos: **tudo é dom**.

Este exercício de piedade manifesta bem o espírito de Santo Agostinho, que reconhecia em todo bem recebido um reflexo da bondade de Deus. A ação de graças cotidiana educa o coração do religioso a não atribuir a si mesmo o bem realizado, mas a reconhecer que **toda graça vem do alto**. Ao mesmo tempo, dispõe também à humildade e à conversão, pois o rendimento de graças é acompanhado pelo reconhecimento das próprias fragilidades e pelo pedido de perdão.

## 2. Quinze Quintas-feiras de Santa Rita



A prática das Quinze Quintas-feiras em honra de Santa Rita é uma das devoções mais difundidas na tradição agostiniana. Ela recorda os quinze anos nos quais a santa levou na frente o

sinal do espinho, participando de modo singular da paixão do Senhor.

Esta devoção não se limita a recordar um fato extraordinário de sua vida, mas convida a contemplar em Santa Rita uma mulher inteiramente configurada a Cristo crucificado.

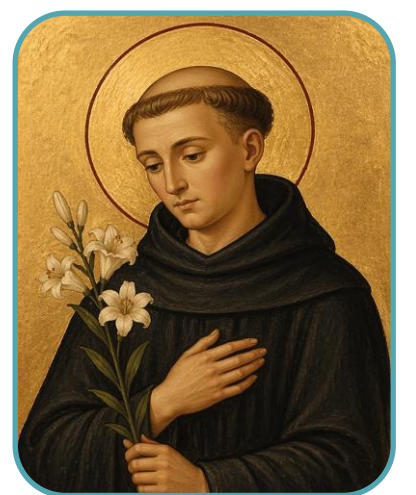
Normalmente, a oração e a memória de algum acontecimento da vida da santa são inseridas na celebração da Missa ao longo de Quinze Quintas-feiras, apresentadas e celebradas como um caminho que percorre as **etapas fundamentais** da sua existência: da infância ao amor por Paulo, do dom dos filhos às grandes e terríveis provações, da consagração até a entrega total de si por amor, na cruz com Cristo.

Este percurso ajuda os religiosos e os fiéis a lerem a vida de Santa Rita como **itinerário de santificação**, no qual a dor não apaga o amor, mas o purifica e o torna fecundo.

Santa Rita aparece como testemunha da caridade que vence o mal com o bem. Nela se refletem a humildade, a paciência, o perdão e a capacidade de levar interiormente a cruz sem desespero. A sua vida mostra que o coração, mesmo por meio das provações, pode ser transformado pela graça.

## 3. Setenário de São Nicolau pelas almas do purgatório

O Setenário pelas almas do Purgatório exprime de modo muito vivo a fé da Igreja na comunhão dos santos e na caridade para com os defuntos. Está ligado de modo especial à figura de São Nicolau de Tolentino, que a tradição apresenta como grande **intercessor pelas almas padecentes**. De fato, o Papa Eugênio IV, ao canonizar São Nicolau em 1446, proclamou-o especial Patrono da Igreja militante e padecente, por sua grande caridade para com as almas do Purgatório.



Segundo a tradição do Setenário, por ocasião da Comemoração dos Fiéis Defuntos, durante uma semana são celebradas **sete Missas sucessivas** para que as almas do Purgatório sejam libertadas de suas penas e possam alcançar a glória do Paraíso, à imita-

ção do que fez São Nicolau, o qual, tendo celebrado sete Missas em sufrágio delas, libertou uma grande multidão.

As invocações do Setenário apresentam, no início, a intercessão dirigida a São Nicolau: *“agora, no Céu, sê para mim advogado e intercessor junto de Deus”*, a fim de obter alívio e libertação para as almas sofredoras. Seguem-se depois orações a **Cristo Senhor**, nas quais são recordados os mistérios da sua Encarnação, da sua humildade, da sua caridade, da sua paixão e da sua morte na cruz, aplicando o fruto da redenção às almas do Purgatório.

Também este exercício de piedade possui forte consonância com a espiritualidade agostiniana descalça. Santo Agostinho contempla a Igreja como um só corpo, unido pelo amor, no qual os membros se sustentam reciprocamente. Rezar pelos defuntos significa viver concretamente essa comunhão, sabendo que a **caridade não se interrompe** com a morte.

Além disso, o Setenário educa o coração a olhar para além do visível, a recordar as realidades últimas e a viver com maior responsabilidade o tempo presente. Para o religioso, torna-se também uma escola de misericórdia, de memória orante e de esperança pascal.

## 4. *Benedicta tu*



A *Benedicta tu* é uma paraliturgia em honra de **Nossa Senhora da Graça**. O *Ritual* recorda que ela é *“recomendada já pelo Capítulo geral da Ordem agostiniana de 1284”* e que se recita no dia **8 de maio**, segundo o Calendário litúrgico comum da família agostiniana, e facultativamente também aos sábados, quando não se celebra a liturgia da Virgem Maria (Rit. 174).

A celebração é composta pelo Salmo 8, por uma leitura mariana, pelo responsório e pela oração conclusiva (Rit. 175). A antífona introduz a oração com **palavras latinas** que exprimem toda a veneração da Igreja para com a Maria: *“Benedicta tu...”*, isto é, *“Bendita és tu, ó Maria, entre todas as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre”* (Rit. 176).

Particularmente significativa é a proposta do *Ritual* de inserir uma leitura tirada dos textos de Santo Agostinho sobre a Virgem Maria (Rit. 178).

Entre estes, emerge uma linha espiritual muito cara à tradição agostiniana: Maria é bem-aventurada não apenas por ter concebido Cristo na carne, mas ainda mais por tê-lo acolhido na fé. Deste modo, a *Benedicta tu* não é apenas uma devoção mariana, mas também uma **escola de interioridade**.

Maria torna-se, para o religioso, o modelo da fé acolhida no coração, da docilidade à Palavra e da maternidade espiritual vivida na Igreja.

## 5. Coroa de Nossa Senhora da Cintura (ou da Consolação)

O *Ritual* recorda que os nossos religiosos veneram de modo particular a Virgem Maria sob o título de Nossa Senhora da Consolação ou da Cintura e acrescenta que é tradição recitar esta oração renovando a profissão de fé do Símbolo apostólico, *“imitando os Apóstolos, que no Cenáculo perseveravam unidos na oração com algumas mulheres e com Maria, Mãe de Jesus”* (Rit. 744).



Esta oração pode ser recitada na Solenidade da Mãe da Consolação, no dia **4 de setembro**, ou em dia de sábado (Rit. 744).

A coroa desenvolve-se através dos doze artigos do **Símbolo apostólico**. Depois de cada artigo, propõe-se uma leitura de Santo Agostinho, seguida de um breve silêncio e da recitação de uma Ave-Maria. Este entrelaçamento entre profissão de fé, meditação agostiniana e oração mariana torna a coroa particularmente rica.

A coroa não é apenas uma devoção afetiva, mas um verdadeiro **caminho contemplativo**, que ajuda a meditar os mistérios da fé na escola de Maria e com a teologia de Santo Agostinho, unindo a fé professada, a verdade meditada e o amor orante.

Estes exercícios de piedade devem ser harmonizados com as ações litúrgicas da Igreja, em particular com a Celebração Eucarística, o sacramento da Reconciliação e os demais sacramentos e sacramentais, para que ajudem os religiosos a santificar a própria vida mediante a graça divina que brota do mistério pascal.

Os Agostinianos Descalços exprimem, além disso, a unidade de espírito e de coração, fundamento da vida religiosa, por meio da oração comunitária, especialmente na Liturgia das Horas. Nela seguem o ensinamento de Santo Agostinho: *“Quando rezais a Deus com salmos e hinos, meditai no coração aquilo que proferis com a voz”* (Reg. 12). Assim, unem-se à Igreja no hino de louvor ao Pai, introduzido na terra por Jesus Sumo Sacerdote, e cooperam para a edificação do Corpo Místico de Cristo (*Liturgia das Horas* 24).

Os exercícios de piedade próprios da tradição da Ordem manifestam claramente que a vida espiritual se desenvolve em profunda sintonia com a Liturgia da Igreja: não são realidades paralelas, mas modalidades concretas pelas quais o mistério celebrado é acolhi-

do, meditado e prolongado na vida cotidiana. Neles emerge constantemente o desejo de conformar-se a Cristo, viver a comunhão fraterna e tender à plena união com Deus.

Nesta perspectiva, a oração comunitária, a memória dos benefícios recebidos, a devoção mariana, o sufrágio pelos defuntos e a contemplação dos santos agostinianos tornam-se autênticos caminhos de crescimento interior. Eles ajudam os religiosos a viver segundo o ensinamento de Santo Agostinho, fazendo com que o coração concorde com a voz na oração.

Radicados na tradição da Ordem e alimentados pela Liturgia, estes exercícios contribuem, assim, para edificar uma vida religiosa mais intensa, mais unida e sempre mais orientada para Deus.

# EXERCÍCIOS DE PIEDADE DOS AGOSTINIANOS DESCALÇOS

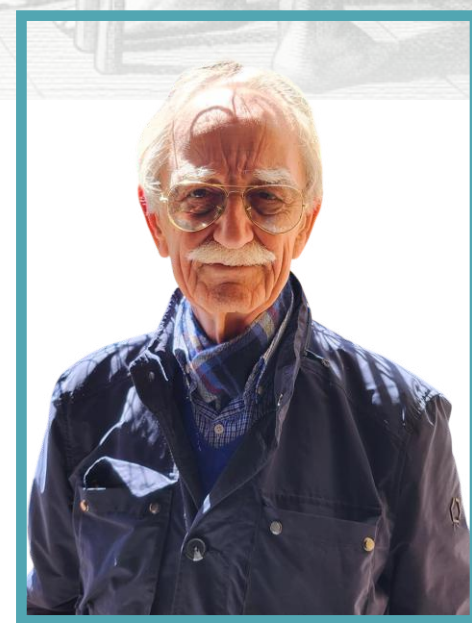




# Igreja de Gesù e Maria em Roma

Um pouco de luz sobre o pintor Cleofe Garofoli

Antonio Rossilli



## 1. Um lugar a redescobrir no coração de Roma

Em Roma, percorrendo a histórica Via del Corso em direção à Piazza del Popolo, pode-se notar à direita, à altura do número 45, a fachada barroca, mas sóbria, da igreja de Gesù e Maria. Os Agostinianos Descalços decidiram construí-la a partir de 1619, confiando o projeto a Carlo Buzio, jovem arquiteto “milanês”, como atestam os documentos de arquivo e como sustenta em sua monografia Fr. Ignazio Barbagallo (1), estudioso de história e arte (2). Ao contrário, parece pouco crível a atribuição a Carlo Maderno.

Quando, em janeiro de 1636, a igreja foi consagrada e aberta aos fiéis, o edifício ainda estava incompleto, tanto que, externamente, tinha “o aspecto de um celeiro” (3).

Somente cerca de trinta anos mais tarde decidiu-se concluir a construção, confiando os trabalhos a Carlo Rainaldi, que projetou uma fachada simples e equilibrada: um único portal com tímpano curvo, a grande janela emoldurada, a cornija movimentada

do frontão e os dois corpos laterais em tijolo a vista.

## 2. A harmonia barroca entre arte e espiritualidade

Também por isso, às vezes, ela escapa à atenção do passante distraído ou do turista que avança apressado, atraído pelas obras-primas de Rafael, Caravaggio e Bernini da vizinha Santa Maria del Popolo. Porém, quando se descobre a igreja e se entra em seu interior, não se pode deixar de ficar surpreendido diante de inesperadas criações artísticas, que fazem daquela nave única um extraordinário escrínio, envolvendo o espectador em um espaço de fé e arte.

As estátuas em estuque, as figuras esculpidas em mármore e as pinturas policromadas, dispostas entre pilares, pilastras e preciosas colunas, concorrem para suscitar admiração, emoção e devoção, dando vida a uma obra de arte total, que se oferece e interage com o espectador. Contudo, essa magia emocional e espiritual do Barroco, que aspira a despertar o sentimento religioso e a



Igreja de Gesù e Maria, em Roma

conduzir as consciências para o Divino, nasce não somente do rico e imponente presbitério projetado por Rainaldi, ou da Assunção da Virgem da abóbada de berço e da Coroação de Maria da ancona central, pintadas por Giacinto Brandi (4), mas também daqueles serafins, anjos e pequenos anjos que povoam o interior, desde a contra-fachada até o arco presbiteral.

Surpreendem ainda mais os extraordinários monumentos funerários, esculpidos entre 1682 e 1685 aproximadamente por Lorenzo Ottoni e Francesco Aprile (5), que, no interior de pequenos palcos teatrais, retratam com plena vitalidade e em diálogo alguns personagens da família Bolognetti, criando um contexto cenográfico no qual o visitante se sente participante, quase em um encontro entre passado e presente na aula de 27 metros de comprimento.

Mas a alusão à chamada “compresença dos tempos” determina a evocação de uma cenografia já vista em outra igreja romana, isto é, os “coretos nobiliárquicos” da Capela Cornaro, em Santa Maria della Vittoria, idealizados, por volta de 1650, por Gian Lorenzo Bernini. Ali, membros da nobre família veneziana, esculpidos em meio-busto, conversam e discorrem aos lados do grupo escultórico com o êxtase divino de Santa Teresa, *“uma excepcional criação da arte berniniana, sem a qual não compreen-*

*deríamos o século XVII na novidade dos seus valores expressivos”* (6).

### 3. A tela de Santo Tomás de Vilanova

Voltando à nossa igreja, entre as telas de altar que adornam as seis capelas, três de cada lado da nave ricamente decorada, é para a primeira à esquerda, mandada decorar em 1678 por Maddalena Ferrini, que convergem a curiosidade e o interesse.

Em primeiro lugar, a grande tela (294 cm x 192 cm) representa Santo Tomás de Vilanova, o arcebispo de Valência recentemente citado pelo Papa Leão XIV ao recordar o seu *“amor pelos pobres”*, que lhe valeu o título de *“esmoler de Deus”* (7). A pintura mostra o frade em extática ascese, com o olhar voltado para o céu (8), enquanto distribui pão aos pobres, com dois confrades.

Todavia, até os nossos dias pesou a ausência de notícias certas sobre o autor desta ancona, às vezes indicado como Carlo Garofoli ou apenas por um sobrenome inexato (9).

### 4. Cleofe Garofoli: um pintor a redescobrir

Indo direto ao ponto, este nosso pintor, cujo prenome evoca a imagem bíblica da Ceia de Emaús, é Cleofe Garofoli, filho de Antonio e



Cleofe Garofoli, *Santo Tomás de Vilanova*

Rita Romani, nascido em Roma por volta de 1852.

No concurso escolar promovido pela Pontifícia Academia Romana de São Lucas, no ano de 1869, ele esteve entre os “primeiros considerados com louvor”, tanto na Escola do nu quanto na Escola das dobras (10). No ano seguinte, encontramos um seu “desenho a pena”, representando a Assunção, na Exposição Romana relativa à arte cristã e ao culto católico, no Claustro de Santa Maria dos Anjos (11).

Esta mostra, desejada por Pio IX em concomitância com o Concílio Vaticano I, deveria reafirmar o valor da arte sacra e defender, ainda que o fim estivesse mais que iminente, aquele poder temporal considerado irrenunciável, “para que a Santa Sé [...], rocha e baluarte da Fé Católica, [...] sem qualquer impedimento possa exercer, no interesse da

*Religião, a sua sagrada potestade*”, princípio reafirmado em várias cartas solenes pontifícias, como na Encíclica *Qui Nuper*, de 18 de junho de 1859.

Em 5 de setembro de 1879, o jornal romano *L'Opinione* noticiava que “na Sala da Sociedade Artística do Povo será exposto um quadro do senhor Cleofe Garofoli, representando Santo Tomás de Vilanova no ato de dar esmola. O quadro foi feito para a igreja de Gesù e Maria, em Roma”. Mas, em 5 de outubro de 1879, o periódico *Roma: Antologia Illustrata* dedicava ao nosso artista muito mais espaço, com um artigo de Ottavio Pio Conti, especialista em arte e advogado consistorial. Informando que, em outubro daquele mesmo ano, a pintura já estava exposta na igreja da Via del Corso, Conti apresenta Garofoli como “bom mestre pintor [...] com seus méritos e defeitos”, que, nas figuras retratadas, “lembra algo de

Ticiano [...], de Paolo Veronese [...], de Morelli e do pobre Fortuny”.

É preciso reconhecer que, a quase um século e meio de distância, são interessantes as observações crítico-descritivas do advogado Conti, autor, aliás, de um pequeno livro em defesa “da arte cristã” (12).

De fato, procurando observar com atenção esta tela, que não suscita pietismo, mas devoção, nota-se certo ecletismo: a pincelada é “pura”, não fragmentada, e os contornos das formas são bem definidos; a mulher de pés descalços e com a criança nos braços, pobre, mas de postura nobre, traz vestes humildes, porém cuidadas nos detalhes; enquanto o rosto do ancião apresenta um realismo sem excessos de gênero. O que não passa despercebido na composição, por certa dissonância estilística, é a cabeça de São Tomás; contudo, a observação é um tanto previsível, pois, como já se escreveu, ela foi inteiramente retocada nos anos vinte do século passado.

Além disso, em seu artigo dedicado a Garofoli, Conti informa que ele havia sido, por vários anos, o desenhista mais solicitado pela Antologia Illustrata. Daí se depreende que o nosso Cleofe também gostava de traduzir em imagens histórias ou personagens para periódicos e livros; tanto é verdade que, quando em 1882 Luigi Palomba publicou a Vida de Giuseppe Garibaldi (13), diversas ilustrações, como La Marmora visita Garibaldi ou A entrada triunfal em Nápoles, trazem a sua assinatura, toda em letras mai-

úsculas, com o C abreviado e seguido de Garofoli.

Infelizmente, depois de 1882 perdem-se os rastros de Garofoli, e ele não aparece mais citado como pintor ou ilustrador. Contudo, na Guida Monaci de 1915, ainda figura na lista dos “pintores de figura, história, paisagem e gênero”, com residência na Via della Frezza, 50, no rione Campo Marzio (14). São muitas as hipóteses plausíveis: desde a transcrição errada do nome até a afirmação de novas modas pictóricas, das censuras críticas de diversa natureza até a escolha do artista de privilegiar sobretudo a encomenda privada. Mas a única certeza é que “Cleofe Garofoli, de sessenta e cinco anos, pintor e [...] solteiro”, morreu em 16 de fevereiro de 1917 (Comune di Roma, Atti di morte 1917, vol. 2, p. 2, série B, n. 835).

## 5. Uma herança artística a valorizar

Hoje a tela continua a testemunhar a sensibilidade artística e espiritual de Cleofe Garofoli. Trata-se de uma obra que, embora não pertença ao conjunto das grandes obras-primas universalmente conhecidas, contribui de modo significativo para elevar o espírito e alimentar a devoção. Logo mereceria maior atenção nas guias e nos estudos dedicados ao patrimônio artístico romano. Como muitas outras obras menos célebres, também esta participa da construção de um lugar que permanece um espaço vivo de fé, arte e acolhida no coração da cidade.

(1) Cfr. BARBAGALLO, Ignazio. *La chiesa di Gesù e Maria in Roma*. Roma 1967 (ristampa 2002), pp. 18, 87.

(2) Ignazio Barbagallo (1914-1982) fu autore di numerose pubblicazioni, tra cui *La Madonna di Guadalupe nella chiesa di Sant'Agostino in Frosinone* (1976) e *La chiesa di San Nicola da Tolentino in Palermo* (1979).

(3) Cfr. MARCHIONNE GUNTER, Alfredo. Gesù e Maria, in “Roma Sacra”, anno I, n. 1. Roma 1995, p. 38.

(4) Cfr. SERAFINELLI, Guendalina. *Giacinto Brandi (1621-1691): Catalogo ragionato delle opere*, vol. I. Torino 2015, pp. 157-164.

(5) Cfr. BARBAGALLO, Ignazio. *op. cit.*, pp. 89, 98; MARCHIONNE GUNTER, Alfredo. *op. cit.*, p. 40; FERRARI, Oreste; PAPALDO, Serenita. *Le sculture del Seicento a Roma*. Roma 1999, pp. 108-125.

(6) Cfr. MARIANI, Valerio. *Le chiese di Roma dal XVII al XVIII secolo*. Bologna 1963, p. 86.

(7) [osservatoreromano.va/it/news/2025-12-29](https://osservatoreromano.va/it/news/2025-12-29); 4 febbraio 2026.

(8) Nel 1925 ca., durante un restauro del dipinto, la testa del Santo fu rifatta completamente dal catanese Sebastiano Conti Consoli (1885 ca.-1950 ca.), un pittore che operò soprattutto a Catania e dintorni.

(9) Cfr. CIGLIA, Simone. Scheda n° 480, in *Santo Tomás de Villanueva. Culto, historia y arte, vol. II. Corpus iconográfico*, a cura di ITURBE SAÍZ, Antonio; TOLLO, Roberto. Madrid-Tolentino 2013, pp. 267-268.

(10) Cfr. *Giornale di Roma*, n. 163, 21 luglio 1869, p. 656.

(11) Cfr. *Catalogo degli oggetti ammessi all'Esposizione Romana del 1870*. Roma 1870, p. 80, n. 6.

(12) CONTI, Ottavio Pio. *Cenni critici sopra le belle arti in Italia*. Roma 1874.

(13) Cfr. PALOMBA, Luigi. *La vita di Giuseppe Garibaldi*. Roma 1882.

(14) Cfr. *Guida Monaci*. Roma 1915, p. 1166.



## Algumas fotos

Partilhando um pouco da nossa vida

### Marsala - Itália

#### 3 de março, Encontro de Quaresma para as Comunidades do Sul da Itália

Os confrades das comunidades de Valverde, Palermo e Marsala reuniram-se em Marsala para um dia de encontro fraterno e retiro espiritual no tempo da Quaresma. A jornada teve início com a celebração da Santa Missa, seguida de um momento de adoração eucarística juntamente com os fiéis da comunidade local.

Em seguida, Fr. Michael Tukov conduziu a reflexão sobre o tema *“Escutar e jejuar: a Quaresma como tempo de conversão”*, tomando como referência a mensagem do Papa Leão XIV para a Quaresma, publicada em 5 de fevereiro de 2026, e a homilia do Papa para a Quarta-feira de Cinzas.

O encontro concluiu-se com um momento fraterno à mesa, ocasião de partilha e de comunhão entre os religiosos das comunidades da Sicília.



## Accra - Gana

### 2-6 de março, Encontro trienal da *Augustinian Federation of Africa (AFA)*

O evento reuniu 36 representantes de 13 instituições religiosas inspiradas na espiritualidade de Santo Agostinho, com o objetivo de fortalecer a colaboração e a formação no continente. O programa abordou desafios pastorais e sociais cruciais, entre os quais a luta contra a pobreza, a injustiça social e a formação dos jovens à luz da espiritualidade agostiniana. Entre os palestrantes, o Arcebispo de Accra e membros da Ordem aprofundaram o papel da vida con-

sagrada no contexto africano atual, fazendo referência à exortação *Dilexit nos*. O encontro concluiu-se com a renovação dos cargos institucionais: o Fr. Kenneth Eze foi confirmado como Presidente, enquanto o nosso confrade Fr. Etienne Atanga (da comunidade de Bafut, Camarões) foi eleito Vice-Presidente.

Os participantes reafirmaram o compromisso de agir como “um só coração e uma só alma”, promovendo uma missão de serviço e fraternidade para responder às necessidades das comunidades africanas e da Igreja. Um momento de profunda comunhão que relança o testemunho agostiniano na África.



## Fermo - Itália

### 5-9 de março, Visita canônica do Prior geral

A Comunità Madonna della Misericordia recebeu a Visita canônica ordinária do Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, acompanhado pelo Secretário geral, Fr. Diones Rafael Paganotto.

Os Visitadores inseriram-se na vida cotidiana dos religiosos locais por meio da oração comum, de colóquios pessoais e da verificação dos registros e das estruturas conventuais. Além da dimensão interna, a visita alcançou também realidades do território, como o encontro com o Arcebispo de Fermo, Dom Rocco Pennacchio, e uma visita ao Hospital Augusto Murri.

Particular destaque foi dado à dimensão laical e missionária, graças aos momentos de diálogo com os colaboradores do Santuário e com os membros da Associação Missionários Agostinianos Descalços

(AMAS). A Visita concluiu-se com um evento de graça para a comunidade: a concessão do ministério do Acolitamento ao Fr. Ferdinand Ngong.



## Valverde - Itália

### 10 de março, Encontro dos Bispos da Sicília

Os Bispos das dezoito dioceses sicilianas reuniram-se no Santuário de Maria Santíssima de Valverde para uma intensa vigília de oração pela paz no mundo.

O evento, inserido na sessão primaveril da CESi, respondeu ao apelo do Santo Padre ao jejum e à oração. A celebração alternou

meditações inspiradas na *Pacem in Terris*, cânticos e adoração eucarística. O momento culminante foi a procissão aux flambeaux, concluída com a consagração a Maria das vítimas dos conflitos.

O encontro reafirmou com força que a paz, dom divino e responsabilidade humana, permanece a única resposta possível à violência que marca o presente dos povos.



## Acquaviva Picena - Itália

### 10-13 de março, Visita canônica do Prior geral

A comunidade San Lorenzo Martire recebeu a Visita canônica do Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, acompanhado pelo Secretário geral. A Visita alternou momen-

tos de verificação administrativa, colóquios pessoais com os religiosos e encontros com a realidade eclesial local, incluindo o Bispo, Dom Gianpiero Palmieri, e diversas agregações laicais. Houve também a visita ao confrade Fr. Giuliano Del Medico, internado em uma estrutura de acolhimento em razão de um problema de saúde.



## Acquaviva Picena - Itália

### 13 de março, Encontro de Quaresma para as Comunidades do Centro da Itália

O Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, conduziu um dia de retiro espiritual para os religiosos do Centro da Itália (Fermo, Nápoles e Frosinone), em preparação para a Páscoa, na comunidade de Acquaviva Picena. No centro da meditação foi colocado o número

3 das *Constituições*: “felizes por servir ao Altíssimo em espírito de humildade”. O Prior geral aprofundou as raízes bíblicas e agostinianas deste pilar do carisma, exortando os confrades a viverem o serviço e a fraternidade com autêntica simplicidade. A jornada concluiu-se com um almoço fraterno, precioso momento de partilha que fortaleceu os vínculos entre as diversas comunidades da Província.

28



## Gênova - Itália

### 16 de março, Encontro de Quaresma para as Comunidades do Norte da Itália

Os confrades das quatro comunidades do Norte da Itália — Collegno e Gênova — reuniram-se no Santuario della Madonnetta para um momento fraterno de preparação

para a Páscoa. O encontro foi enriquecido por uma reflexão sobre a Ressurreição, proposta pelo Fr. Eugenio Cavallari, seguida de um intenso tempo de adoração eucarística. A jornada concluiu-se com um almoço partilhado, em um clima de comunhão e fraternidade.





## Ampére - Brasil

### 14 de março, 50º aniversário da presença dos Agostinianos Descalços

A comunidade de Ampére celebrou o 50º aniversário da nossa presença, marcando meio século de evangelização e serviço social. A solene celebração, presidida pelo Bispo diocesano Dom Edgar Xavier Ertl, na Paróquia Santa Teresinha e Santo Agostinho, recordou a chegada dos pioneiros em 1976: Fr. Antonio Desideri, Fr. Angelo Carú e Fr. Rosario Palo.

Nestes cinquenta anos, a obra da Ordem produziu frutos significativos, entre os quais a construção da igreja matriz e do Seminário

Santo Agostinho (1978), centro vital que contribuiu para a formação de 82 sacerdotes. Entre as figuras de destaque, foram recordados Dom Luis Vicente Bernetti e o Servo de Deus Fr. Angelo Possidio Carú, promotor vocacional, cujo processo de beatificação teve início em 2022.

Além da ação pastoral, o impacto social foi profundo, graças a projetos de habitação popular e ao Projeto Luti voltado para os jovens. A jornada, enriquecida pela inauguração de uma placa comemorativa, concluiu-se com um almoço fraterno, reafirmando o vínculo entre o carisma agostiniano e a comunidade local, no espírito de gratidão e renovado ardor missionário.

## Ho Chi Minh - Vietnã

### 19 de março, Profissão solene

Realizou-se na Paróquia onde está situada a nossa Casa em Ho Chi Minh City a Profissão solene de dois confrades vietnamitas: Fr. Dinh Van Dinh e Fr. Nguyen Duc Trong. Com este passo definitivo, os dois religiosos consagraram para sempre a sua vida a Deus na nossa Ordem, confirmando o compromisso de seguimento evangélico na vida comum, na oração e no serviço à Igreja.

O rito da Profissão foi presidido pelo Fr. Luigi Kerschbamer, Prior provincial da Province of Saint Nicholas of Tolentino, na presença do pároco local, de confrades, familiares, amigos e benfeitores.

A Profissão solene, vivida em um clima de intensa participação e recolhimento, representou um momento de grande alegria para toda a Ordem, para a Província e para as comunidades do Vietnã, sinal de esperança e de crescimento vocacional em terra de missão.



## Roma - Itália

### 20-23 de março, Visita canônica do Prior geral

A comunidade Gesù e Maria, em Roma, sede do Estudantado Internacional, recebeu a Visita canônica do Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, e do Secretário geral, Fr. Diones Rafael Paganotto.

O programa da Visita conjugou momentos institucionais e pastorais: a participação na Via-Sacra do centro histórico, com o encon-

tro com o Vicegerente de Roma, Dom Renato Tarantelli; diversos momentos dedicados a colóquios individuais com os doze religiosos e à análise dos registros, concluindo-se com um encontro dirigido aos professores. Durante a Visita, evidenciou-se também o envolvimento dos fiéis e do laicato, em particular do grupo filipino e da Legio Mariae. Este importante momento concluiu-se com a consciência de que a comunidade viveu uma significativa oportunidade de verificação e de crescimento espiritual.



**6-8 de abril, Encontros da Pasquetta**

Nos dias seguintes à Páscoa, os confrades da Província Santa Rita de Cássia viveram dias de fraternidade, descanso e celebração durante a Oitava da Páscoa. Os frades das comunidades do sul da Província reuniram-se em Nova Londrina para um belo momento de convivência fraterna, partilha e reno-

vação espiritual. Também os frades das comunidades do Rio de Janeiro e do Mato Grosso se encontraram em seus respectivos estados, vivendo este tempo pascal no espírito da comunhão, do descanso e da gratidão. Foram dias marcados pela alegria do encontro, pela força da fraternidade e pela beleza de celebrar juntos a esperança da Ressurreição.

**Roma - Itália****11 de abril, Ordenação diaconal**

Na igreja Gesù e Maria, Dom Nunzio Galantino ordenou diáconos três confrades da Província asiática: Fr. Ephafroditus Fau,

Fr. Ta Quang Trung e Fr. Phan Thanh Vu, estudantes do Colégio Internacional Fr. Luigi Chmel. Os três novos diáconos celebraram este marco na presença de confrades, amigos e outros religiosos.



**14-17 de abril, Visita canônica do Prior geral**

O Prior geral, Fr. Nei Márcio Simon, e o Secretário geral, Fr. Diones Rafael Paganotto, realizaram a Visita canônica à Residência da Madonnetta. As jornadas foram dedicadas ao discernimento e à verificação da vida religio-

sa por meio de colóquios pessoais, da análise dos registros e da inspeção das estruturas do convento e do Santuário. A Visita incluiu também momentos de encontro com os fiéis, confirmando-se como uma importante ocasião de escuta e acompanhamento para o histórico santuário presente na realidade genovesa.



Gênova - Itália

**18-22 de abril, Visita canônica do Prior geral**

A Residência San Nicola da Tolentino acolheu a Visita canônica do Prior geral. Foram dias dedicados à vivência da vida comunitária com os confrades e ao conhecimento

mais profundo da realidade paroquial da Paróquia San Nicola, onde os religiosos estão empenhados no serviço pastoral. Ao longo da Visita, realizaram-se encontros com o Conselho Pastoral, os catequistas, o Centro de Escuta e o Grupo Rangers, que manifestaram apreço pela nossa presença e pelas atividades desenvolvidas.





### Cebu City - Filipinas

#### 20-24 de abril, Retiro dos Professos

Os professos simples concluíram o retiro canônico anual, realizado na comunidade de Tabor Hill. Sob a orientação espiritual de Fr. Vergara, OSA, com momentos dedicados

à oração, ao silêncio e à reflexão profunda. Esse tempo de recolhimento permitiu aos confrades fortalecer seu vínculo com Deus e renovar com zelo sua vocação agostiniana, crescendo na liberdade interior e na fraternidade.



### Gênova - Itália

#### 23-27 de abril, Visita canônica do Prior geral

O Prior geral e o Secretário geral realizaram a Visita Canônica à Comunidade São Nicolau de Tolentino, no bairro de Sestri Popnente em Gênova. Acolhidos pelos confrades, os visitantes cumpriram uma agenda intensa

que incluiu um encontro eclesial com o Arcebispo de Gênova, Dom Marco Tasca, além de diálogos com vicentinos, catequistas e paroquianos. Este tempo de graça foi uma oportunidade fundamental de comunhão e planejamento, fortalecendo o compromisso religioso e o serviço pastoral da comunidade local.



# Mensagem do Prior geral

## Liturgia na vida

Fr. Nei Márcio Simon, oad



Caros confrades, afiliados, amigos e familiares, o caminho espiritual dos Agostinianos Descalços manifesta-se também na riqueza dos seus exercícios de piedade: um itinerário discreto e luminoso que nos conduz a uma intimidade mais verdadeira com Deus e a uma comunhão mais fraterna entre nós.

No coração da tradição agostiniana, sobriedade e contemplação custodiam práticas devocionais essenciais. Na sua simplicidade, elas se abrem a um significado profundo: ensinam a paz que nasce do abandono confiante nas mãos do Pai.

Os exercícios de piedade não são hábitos a serem conservados por inércia, mas fontes das quais haurir. Recordam que a santidade amadurece no cotidiano, em gestos humildes e perseverantes. Se as vivemos com o coração vigilante, aprendemos a reconhecer Deus nos atos ordinários e a tornar-nos, com a vida, sinais de esperança.

É fundamental, portanto, que a Liturgia e os exercícios de piedade vivam uma relação constante de reciprocidade. Uma e outros

estão a serviço do culto divino, e é necessário que seja sempre salvaguardado o delicado equilíbrio entre essas duas realidades.

Não se deve jamais esquecer que a graça salvífica brota do Sacrifício e dos sacramentos, que constituem o ápice da Liturgia. Tal certeza deve orientar e valorizar também a frescura e a genuinidade das práticas de piedade que, de fato, enriquecem a própria Liturgia.

Rezo para que, em perfeita harmonia, continuem a renovar-nos e a conceder-nos alegria. Convido-vos a redescobrir a sua beleza, para que aquilo que celebramos e rezamos modele os nossos passos e torne luminosa a nossa vida.

